

Vizita ao pintor Fujita

(Notas de um diário de Paris, outubro, 1950)

Recado de PARIS

1923 Rubem BRAGA

PARIS, outubro — E' no 23 dessa rua Campagne Première, que tem seu nome em toda a historia da pintura francesa destes ultimos cem anos. Aperto a campainha do apartamento. Eu e Graciano esperamos um minuto. Parece não haver ninguém em casa. Sentimos que lá dentro há um relógio batendo. Mas julgamos ouvir um murmúrio de vozes, uma porta que se abre e se fecha. Aperto mais uma vez: ele aparece.

Esse homem miúdo de cabelos totalmente brancos tem um nome que parece com ele mesmo, com sua arte e talvez com sua vida: Fujita. Quando sabe que somos brasileiros, sorri, manda entrar, sentar. A maior parte dos quadros que estão na parede, já conheço de sua ultima exposição. Os que pintou nestes ultimos meses são identicos: as mesmas crianças, essa mesma mulher loura cujos finos traços florentinos têm, entretanto, uma certa morbidez oriental. As cores muito tenues e sabiamente combinadas; esse verniz brilhante. Não será pintura no sentido occidental, é alguma coisa de laca, mas o desenho agil e sabio lhe dá uma dignidade que supera o decorativo.

O Brasil... se lembra de tanta coisa, tanta gente. Vai desencavar do fundo de uma pilha de quadros um oleo grande, feito no Rio; são quatro ou cinco mulheres de varias raças. A composição é solida, o quadro tem mais realidade que os de hoje. Guardou isso do Brasil, mais uma negra baiana em aquarela e alguns desenhos feitos em São Paulo; mostrará em outra visita que lhe fizermos. Conta como chegou a Paris em 1933; ficou até 1936; em 40 voltou... Na parede há um retrato seu, muito jovem; é um desenho simples e seguro, com alguma coisa de especial, uma qualidade, um ritmo. O amigo que o fez em 1919 não lhe deu muita importancia, nem sequer assinou: chamava-se Modigliani.

Começam recordações. A ultima guerra? Passou numa cabana de montanha, no Japão. Sim, agora está definitivamente em Paris; pode ser que viaje ainda, mas sua morada é aqui. A não ser — seus olhinhos tomam uma expressão triste, de camundongo assustado — que venha outra guerra. As guerras! Esse homem que teve tantas mulheres, tantos gatos, tantos amigos, esse homem delicado e talvez astuto não compreende porque fazem guerra. Tudo se perde, os amigos, a alegria de viver; tudo fica estúpido e triste. Ele precisa de paz para compor esses tons de azul tão leve, essas mulheres de olhos de sonho; paz para esse gato cochilar sossegado no colo dessa surpreendente menina. Fujita nos leva à porta dizendo em português: obrigado.

Clarin

M 707

28.10.50